

## Dedé Monteiro: há 50 anos, poetizando o sertão e o seu povo

Luciene Barbosa Souza<sup>63</sup>  
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Cícero de Souza Leite<sup>64</sup>  
Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

### Resumo

Este trabalho se propõe a realizar uma breve análise comparada dos poemas: *Toda Casa de Taipa Abandonada Guarda Um Grito de Fome Dentro Dela* e *Eu Me Sinto Mais Filho do Sertão* presentes nos livros: *Mais Um Baú de Retalhos* e *Fim de Feira* de Dedé Monteiro. Sabemos que, no contexto das universidades brasileiras, no campo da historiografia e crítica literária, há pesquisadores desenvolvendo estudos sobre a poesia popular (FALEIROS, 2012, LIMA, 2018, BARBOSA, 2017). Fazer tal abordagem nos poemas escritos pelo poeta Dedé Monteiro - pernambucano e residente na cidade de Tabira, justifica-se pela importância e originalidade da obra, assim como, ajuda a preencher a lacuna nesse domínio dos estudos da literatura popular. Observa-se na análise dos poemas citados a preocupação do poeta quanto ao descaso das autoridades na questão das secas periódicas e conseqüentemente a fome, enfim, pode-se concluir que a poesia de Dedé Monteiro é uma poesia de denúncia. Além da temática, é notável a obediência do poeta ao rigor da modalidade escrita formal da língua portuguesa e a técnica da métrica.

### Palavras-chave

Literatura Popular. Análise de Poema. Dedé Monteiro.

---

<sup>63</sup> Graduada em Letras pela Faculdade de Formação de Professores de Serra Talhada (2001), Especialista em Programação de Ensino de Língua Portuguesa pela Faculdade de Formação de Professores de Petrolina (2003), Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística / UFPB (2013) e doutoranda em Linguística neste mesmo programa. Professora de Língua Portuguesa e Língua Inglesa na rede estadual de Pernambuco, professora de Linguística na Faculdade de Formação de Professores de Serra Talhada - FAFOPST, Coordenadora de área do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID - CAPES (2018 - 2020) e Coordenadora do NELE (Núcleo de Estudos em Letras e Educação - FAFOPST).

<sup>64</sup> Graduação em Letras pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (2019).

## Introdução

O presente trabalho tem como intuito a realização de uma breve análise dos poemas do poeta Dedé Monteiro, ressaltando a importância e influência de seus escritos tanto cultural quanto literária. Nesses escritos são narradas a sua história e de seu povo e também críticas ao descaso de governos omissos em defesa da minoria, ao mesmo tempo em que usa de linguagem simples, porém erudita, suas características são estritamente da poesia clássica.

É no Nordeste que se encontram os mais famosos poetas de bancada, repentistas e cordelistas, e foi lá que nasceu e cresceu Dedé Monteiro, influenciado pelos versos e rimas começou a escrever, tornando-se um poeta de bancada. Com mais de 50 anos de carreira poética já lançou quatro livros: *Retalhos do Pajeú* (1984), *Mais Um Baú De Retalhos* (1995), *Fim De Feira* (2006) e *Meu Quarto Baú De Rimas* (2010).

Para melhor análise dos poemas do poeta supracitado, esse trabalho foi realizado a partir de pesquisas bibliográficas e sites especializados em poesia. E teve como objetivo principal mostrar a importância da poesia monteriana (poesia de Dedé Monteiro) de forma abrangente, especialmente para a cultura nordestina e tanto quanto para a literatura brasileira. Ao realizar uma análise de seus poemas, os quais compõem o *corpus* da pesquisa, teve-se uma caracterização engajadora, forte, combatida e que sempre esteve presente na vida do povo, que luta e fala com o povo e pela terra.

Os poemas analisados foram: *Toda Casa de Taipa Abandonada Guarda Um Grito de Fome Dentro Dela* e *Eu me Sinto Mais Filho do Sertão*. O primeiro traz em seus versos o êxodo rural provocado pela seca, em especial no Sertão nordestino do Brasil, o segundo é representado como versos de gratidão por morar no sertão, agora, diferente do outro poema, o poeta narra os bons costumes, festejos e culturas do seu povo, mostrando o lado bom de ser do sertão do Pajeú.

Para melhor compreensão este trabalho está dividido da seguinte forma: o primeiro tópico intitulado: *Vida e obra do poeta Dedé Monteiro*, inicia-se com comparações literárias e alude a atitude do poeta em escrever. Há alguns escritores que escrevem o que geralmente é falado ou histórias e fatos que são empiricamente aprovados, porém, há outros que perceptivelmente se vê a vivência em suas palavras. No caso de Dedé Monteiro, vê-se em seus versos, as suas obras concentram-se em suas histórias e nas histórias de seu povo. As características dos seus poemas são facilmente reconhecíveis, o que os levam a ser chamados de monterianos, escrevendo em diversos estilos e contemplando ainda a forma clássica da poesia.

O segundo tópico: *Fases da Poesia de Dedé Monteiro* refere-se à trajetória da poesia monteriana, em primeiro momento, o poeta tem como seu maior legado o diálogo com outras faces da literatura popular, sobrevivendo com originalidade à pressão social. No binarismo do popular e erudito, é também presente o uso da flora e fauna em sua poesia, assim como metáforas da vida e relações pessoais. Em um segundo momento, o poeta surge como um homem que vive em um nicho urbano, mas que ainda tem suas raízes no ambiente rural e seus poemas surgem como memórias, releituras passadas do sertão e de suas experiências, nesta fase, porém, se mantém firme e assume o seu primado de poeta, saltando para mais um pilar e agora indo ao encontro de grandes poetas.

### **1. Vida e obra do poeta Dedé Monteiro**

A literatura deve ser entendida como um fenômeno presente na vida do homem. Não é somente o reflexo da sociedade, ela é a expressão da individualidade, mas também a voz do coletivo o qual lança um olhar novo sobre a realidade, aponta caminhos que possibilitam verdades, um desvendar e um enriquecimento do senso crítico da humanidade. Um escritor não enfrenta um papel em branco por acaso, ele tem um objetivo, um posicionamento, um lugar de fala, fala para alguém e frente a uma realidade busca recriá-la. O escritor pode trabalhar inúmeras temáticas, que vão desde temas relacionados à vida em sociedade, à condição humana, pode abordar questões concernentes às desigualdades sociais, às realidades de minorias e especialmente partindo do ser humano e da condição de vida e seu relacionamento com o ambiente em que vive.

O poeta está fora da linguagem, vê as palavras do avesso, como se não pertencesse à condição humana, e, ao dirigir-se aos homens, logo encontrasse a palavra como uma barreira. Em vez de conhecer as coisas antes por seus nomes, parece que tem com elas um primeiro contato silencioso e, em seguida, voltando-se para essa outra espécie de coisas que são, para ele, as palavras, tocando-as, tateando-as, palpando-as, nelas descobre uma pequena luminosidade própria e afinidades particulares com a terra, o céu; a água e todas as coisas criadas. (SARTRE, 2004, p. 14)

O poeta surge, nesta perspectiva, como aquele ser que tem sua realidade sublimada, nasce como os demais seres humanos, no entanto sua sensibilidade o leva a ver e sentir a vida de forma singular, ele cria o poema, mas é formado pela vida. O poeta vive, sente, fala, escreve, finge e poetizando immortaliza a realidade em que está inserido.

E assim, é o poeta Dedé Monteiro que traz em seus versos a realidade do êxodo rural provocado pelas secas periódicas que castigam a região Nordeste do Brasil e em especial o Sertão, mas também, é ponte e voz das minorias, usa a palavra como arma contra a invisibilidade, a omissão de governos, denuncia as mazelas da sociedade, verseja sobre a

beleza de sua terra e bravura do seu povo. Seu nome de batismo, com sobrenome de família, é José Rufino da Costa Neto, mas assina sua obra como Dedé Monteiro. A origem do sobrenome Monteiro se deve ao fato de o pai de o seu pai, Antônio, ter sido criado pelo padrinho Miguel Monteiro. Com o passar dos anos, o menino ficou conhecido como Antônio de Miguel Monteiro e depois conhecido apenas por Antônio Monteiro e esse apelido foi herdado pelos filhos. O próprio Dedé Monteiro, desde adolescente, assinava suas provas, no tempo de escola, como José Monteiro e depois, incorporando o apelido de família, ficou Dedé Monteiro, assim como seus irmãos Paulo, Mário e Gongga, todos com o sobrenome Monteiro, tendo como origem o sobrenome do padrinho de seu pai. Dedé Monteiro é descrito no prefácio do livro *Fim de feira* por Evilácio Feitosa como o homem que “exala, poesia, sertão e simplicidade”. Dedé Monteiro é o tipo de sertanejo pernambucano que tem sua identidade marcada e fundida com sua terra.

Estudou Letras na Faculdade de Formação de Professores de Arcoverde e ainda Educação Física pela ESEF/FESP de Recife, algo que o diferencia de muitos poetas populares é justamente a sua formação. Exerceu seu ofício de professor, contribuindo com a formação de gerações e, paralelo ao seu trabalho de professor, deu contribuições no sentido de poetizar o sertão e seu povo. Sua obra foi forjada com dedicação, esforço, entrega e resiliência; declamou, versejou, sentiu, criou e especialmente vive e fez de seu trabalho sua vida.

Do ponto de vista da forma, o seu estilo representa uma literatura de expressão oral e raiz popular. Segundo Cascudo (2012), a denominação Literatura Oral data de 1881 e diz respeito a uma literatura que persiste principalmente através da oralidade, ainda segundo o autor, “a Literatura Oral brasileira reúne todas as manifestações da recreação popular, mantidas pela tradição”. (CASCUDO, 2012, p. 19). Uma literatura com essa raiz tem sua base na tradição, que significa a transmissão do conhecimento de um povo ao longo do tempo. Dentro dessa literatura, Dedé Monteiro é um legítimo representante da poesia engajada que mostra a nudez da verdade e lucidez em interpretar os fatos sociais e parece expressar desejo humano de mudar as realidades do mundo, na medida em que procura levar o outro a reconhecer e interpretar sua realidade.

O vate<sup>65</sup> publicou obras importantes, que são marcos na poesia popular, *Retalhos do Pajeú* (1984), *Mais Um Baú De Retalhos* (1995), *Fim De Feira* (2006) e *Meu Quarto Baú De Rimas* (2010). Nelas podemos verificar um refinamento do estilo e da forma, a poesia ganha ritmo próprio, buscado no arranjo formal e utilizando o recurso do ritmo, em versos

---

<sup>65</sup>Vate é um sinônimo de poeta.

metrificados. O poeta deu contribuições para poetizar o local com a mesma maestria e desenvoltura com que trata os temas universais como paixão, saudade e existencialismo. O poeta Dedé Monteiro é reconhecido e se reconhece como poeta de bancada e se diferencia dos demais poetas populares pela escrita que é, certamente, influenciada pela sua formação em Letras. Escreve em vários estilos, versa sonetos, quadras, sextilhas e décimas. Poeta de bancada - escreve em vários estilos e seu processo de escrita contempla estrutura e formas clássicas do gênero poesia. Sua escrita se efetiva em um ambiente próprio para este fim, um escritório com uma mesa (bancada) e utensílios. Este poeta geralmente publica livros. Sobre esse ponto “é importante destacar que a maior parte dos poetas de bancada buscava, e ainda busca, a excelência no que se refere ao uso da língua portuguesa e quanto às regras de metrificação. Na poesia de bancada, não há lugar para o improvisado” (MELO, 2003, p.83-84)

A excelência no uso da língua portuguesa e às regras de metrificação são características presentes na obra do poeta Dedé Monteiro. Num olhar mais amplo de toda a sua carreira, a sua obra é marcada pelo comprometimento social e vivências do poeta e traz elementos discursivos que reconstroem a capacidade de mudanças diante do processo de exclusão das minorias. Nesse contexto, o leitor passa a compreender os processos dinâmicos de reconhecimento que possibilitam o pensar, o refletir sobre a necessidade de leituras particulares, pois é preciso visualizar, legitimar e reivindicar sua cultura e viabilizar os alicerces que potencializam estruturas para resistir ao processo de colonização dos saberes e destituição de sua identidade.

Seu versejar desprovido de manjares é contemplado como dádiva aos sujeitos reflexivos e assenhorados que resistem a práticas de silenciamento, assujeitamento e exclusão das minorias. Poesia que pretende viabilizar a manutenção da cultura da oralidade que é característica da literatura popular; não vende ilusões, não se vende para favorecer os favorecidos, mas a sua poesia se presta a algo muito maior: ser voz dos excluídos e menos favorecidos. Enfatizamos aqui, que a expressão “popular” reflete uma marca social e cultural que advém de uma face do mundo letrado que gosta de realçar o termo “popular”. “A literatura dita popular é, pois, submetida a um viés preconceituoso; termos a ela atribuídos, a exemplos de ‘subliteratura’, ‘para literatura’, ‘literatura menor’, são marcas que registramos sentidos negativos de que está revestida. (MONTENEGRO, 2014, p. 29). A poesia popular tem sua simplicidade e complexidade que a torna singular e representa a cultura e bravura deste povo forte e destemido que sobrevive às intemperes das condições climáticas, à falta de visibilidade e omissão de políticas públicas que aliadas ao desenvolvimento econômico proporcionariam condições de uma vida digna e plena.

## 2. Fases da poesia de Dedé Monteiro

A obra do poeta tem como maior legado o diálogo com outras faces da literatura popular, com originalidade sobrevive à pressão social e se firma no binarismo do popular e do erudito. Esse binarismo se deve ao fato de que ele dá voz ao povo através dos seus poemas, mas o faz muitas vezes com erudição, pois, por conta da sua formação, domina a norma culta da língua portuguesa. Refletimos e analisamos a saga do poeta, para entendermos este caminhar, as fases da poesia, se faz necessário compreendermos a realidade do sertão em que o poeta estava inserido e se insere atualmente. A prioridade do sertão é a produção de alimentos, por isso, percebemos na poesia de Monteiro a temática da terra, das relações de sobrevivências, experiências de histórias próprias. É presente o uso da fauna e flora em sua poética como metáforas da vida e das relações sociais.

Em um segundo momento da sua poesia, o poeta surge como aquele homem, que vive no nicho urbano, mas tem suas raízes fincadas nas realidades revividas e experienciadas no ambiente rural, o poeta sobrevive ao professor secundário. E os poemas surgem como releituras da vida, do Sertão e experiências do autor, que testemunhou promessas não cumpridas e poderio silenciador da seca que castiga, mata e impede o cultivo das lavouras dos homens da terra. Nesta fase, o poeta mantém seu versejar firme, faz homenagens, rende tributos aos cantadores, poetiza seu povo, consolida o diálogo com seus pares e assume o primado de poeta. Nessa altura, o poeta jovem saltou para a poesia e se lançou ao encontro do cânone dos grandes poetas do Pajeú. Ele não nega sua origem, suas influências e não se omite, diante da árdua e prolongada luta pela vida.

O poeta segue sua saga, acaba tomando corpo e uma dimensão que no cerne da sua alma clama contra a corrupção, denuncia as misérias causadas pela seca, mas também pela omissão dos senhores detentores do poder e que pertencem à elite. Constatamos em sua poesia a presença da sátira, do humor, da religiosidade, seu envolvimento em políticas de inclusão e envolvimento com o social. Ele também viveu a experiência de ter seus poemas organizados em uma antologia, o que denuncia a consolidação e validação da importância e mérito de sua poesia.

O poeta de Tabira, próximo a completar 50 anos de poesia, lançou seu quarto livro, *Meu Quarto Baú de Rimas*. Nesta obra, o seu olhar e sua escrita se aprofundam em temas universais, a sua poesia continua dialogando com o repente e o cordel, mas também contempla reflexões sobre a existência humana que são constantes em sua poesia. Poemas

construídos com a mesma maestria, contemplando o rigor da métrica e rima, satisfazendo os anseios do povo e dialogando com a cultura e construindo identidade.

A poesia mostra grande força para se adaptar, superar suas crises e mesmo em outras épocas continua florindo, vestindo, dando frutos e segue serpenteando o sertão. Imponente, com os passos firmados na humildade e legitimados pelos vates do sertão e, lançando voo, alcança reconhecimento e notoriedade nacional. Os poemas assumem características diversas e diferenciadas, reafirma seus laços com a poesia popular. O tempo não a define não se detém apenas ao imaginado, supera os limites impostos pelo imaginário e rótulos que lhe são impostos e como a terra molhada, diante do sol se enxuga, assim a poesia é insubmissa, procura ser novidade e ocupa espaço no universo de cantadores, poetas cordelistas e poetas de bancada, bebe na mesma fonte, comunga do mesmo alimento, compartilha a mesma sina, pisa o mesmo chão e fala a mesma língua, poesia.

## 2.1 Análise dos poemas

Agora, nos deparamos com o maior desafio, realizar uma análise dos poemas que compõem o *corpus* da nossa pesquisa. Os poemas escolhidos foram analisados com um olhar pelo qual pretendemos evidenciar a poesia engajada do poeta Dedé Monteiro. Uma das primícias é que a poesia do poeta Monteiro é forte, combativa e sempre esteve presente na vida do povo, luta e fala com o povo e pela terra. O primeiro poema que analisamos é presente no livro *Mais Um Baú de Retalhos* nas páginas 41 e 42:

*Toda Casa de Taipa Abandonada  
Guarda Um Grito de Fome Dentro Dela  
- Mote de Ary Correia-*

No terreiro, uma pedra de amolar.  
Carcomida do tempo e do trabalho,  
E um pedaço de marra de chocalho  
Cuja idade é difícil adivinhar;  
Dentro dela, uma história singular.  
Onde a fome, a rugir, se acotovela...  
E a coruja, a piar, conta por ela.  
Uma história de horror nunca escutada...  
Toda casa de taipa abandonada  
Guarda um grito de fome dentro dela.

No recanto, onde um pote respingava,  
Resta agora um pedaço de forquilha;  
Na parede, um espelho já não brilha,

Mas deixou seu formato onde brilhava...  
 Na cozinha, o lugar que o fogão 'stava.  
 Guarda ainda os pedaços da panela  
 Que uma mãe cozinhava a boia nela  
 Pra tirar da miséria a menina...  
 Toda casa de taipa abandonada  
 Guarda um grito de fome dentro dela

Esse grito de dor que nela existe  
 Representa as misérias do passado,  
 Onde um pai, a sofrer desesperado,  
 Lamentava o rigor da sorte triste:  
 Não há dor como a dor de um pai que assiste  
 O clamor de um caçula que se esgoela,  
 E o mais velho a servir de sentinela,  
 Um e outro sem ter jantado nada...  
 Toda casa de taipa abandonada  
 Guarda um grito de fome dentro dela.

Todo dia de Sexta da Paixão  
 O cristão enche o peito de tristeza;  
 Toda vez que se agride a natureza  
 Recebe-se da mesma outra agressão;  
 Toda noite de lua no sertão  
 Um poeta decanta a lua bela;  
 Todo som de rangido de cancela  
 Deixa um eco de dor no pó da estrada;  
 Toda casa de taipa abandonada  
 Guarda um grito de fome dentro dela.  
 (MONTEIRO, 1990, p.41- 42)

O poema é composto por quatro estrofes em versos decassílabos que descrevem, retratam, vivenciam a saga do homem do campo, o drama de famílias desamparadas e vitimadas pelas secas. Homens e mulheres vítimas da fome, que têm sonhos interrompidos e histórias não contadas. O poema traz uma realidade comum da região Nordeste do Brasil, famílias menos favorecidas e suas moradias. A casa de taipa, ou de pau-a-pique, feita de barro, madeira, é uma construção antiga, que atravessa milênios e que é característica de sociedades economicamente desfavorecidas e habitadas por pessoas de pouco poder aquisitivo. Alguns pontos devemos destacar nesta obra, temos presente algumas questões: a primeira de ordem arquitetônica, uma construção simples, mas funcional, que serve de abrigo para a família. A taipa tem mais de nove mil anos e, antes de servir de habitação para os



brasileiros, já estava na Mesopotâmia, no que hoje é Iraque. E veio para o Brasil a técnica de construção no período colonial, como uma das mais autênticas manifestações arquitetônicas. A segunda questão a ser destacada é a fundiária, um fato determinante para explicar o êxodo rural. A terceira são as questões de desigualdades sociais, que são determinantes para explicar esta realidade vivenciada no poema.

O poeta preenche a lacuna desta moradia quando descreve a condição humilde de existência desta família, um microcosmo da sociedade. A família é apresentada como célula da sociedade. A casa é uma metáfora da realidade vivida pelos sertanejos, a casa é terra (barro), madeira e água e suor humano, mas a importância está em seus moradores. A falta de estrutura da moradia não é determinante para o abandono, mas a fome que ruge determina a existência e a vida. A fome é realidade no mundo e se caracteriza pela carência, falta de alimentos necessários para a sobrevivência e suprimento das necessidades do indivíduo e a dignidade. No Brasil temos uma parcela da população atingida por esse fenômeno mundial. Na região Nordeste do Brasil a fome é provocada pelas condições climáticas, as secas periódicas, no entanto, o fim das omissões das autoridades, as exclusões e violações dos direitos e a efetivação e consolidação de programas do governo poderiam amenizar esta situação. E a lacuna criada pela desigualdade social ainda não foi preenchida. As famílias que abandonam as casas de taipa vão para as pequenas cidades, ocupam as periferias e nos grandes centros urbanos habitam as favelas. Agora são sujeitos que estão distantes de sua cultura, são submetidos a violências e a novos desafios para essa nova vida em sociedade. Homens desterrados que perderam sua moradia, cultura e identidade.

O poeta vive, sente, fala, escreve, finge e poetizando immortaliza a realidade em que está inserido. “O poeta sente as palavras ou frase como coisas e não como sinais, e sua obra como fim e não como um meio; como uma arma de combate.” (SARTRE,1948). É necessário esclarecer que, mesmo que a maioria dos poetas populares tenha origem nordestina, sem formação acadêmica e oriunda da zona rural, este não deveria ter sido motivo para desqualificar o trabalho desses poetas, identificando-os como literatura popular, nem tampouco de qualificar sua cultura como inferior e ilegítima. Alguns desses homens morreram sem nenhum reconhecimento, muitos não tiveram seus escritos registrados, alguns poucos tiveram suas obras publicadas e reconhecidas. Homens que foram pontes e voz das minorias, e usaram a palavra como arma contra a invisibilidade, a omissão de governos, denunciaram as mazelas da sociedade, versejaram sobre a beleza de sua terra e bravura do seu povo.

No poema em pauta, se faz necessário destacar a sua construção e estrutura, é constituído com quatro estrofes e na primeira estrofe no primeiro verso nos chama a atenção. “No terreiro, uma pedra de amolar”, o espaço do terreiro não possui outro bem, a não ser uma pedra de amolar, que faz alusão a ocupação do pai e chefe de família, o seu trabalho é exercido com ferramentas rústicas, provavelmente uma foice, um facão, enxada ou ferramentas similares. Aqui, abrimos um parêntese para realizarmos uma analogia no que representa esta pedra, ela permite a viabilização e realização do trabalho e exercício das atividades destes moradores. Assim, como o computador, os veículos, o celular e outras ferramentas que o homem da cidade faz uso para exercer seu trabalho, sua atividade. No segundo verso encontra-se “Carcomida do tempo e do trabalho” o tempo condicionando a existência do homem e o trabalho que possibilita e dignifica o homem, este homem não era ocioso, dedicava-se ao trabalho. Terceiro verso “E um pedaço de marra de chocalho”, objeto de uso em animais que proporciona a localização destes, mas, constata-se a nomeação de apenas um pedaço. Já no quarto verso, “Cuja idade é difícil adivinhar” o objeto é velho ao ponto de não ser possível à datação de sua origem, no entanto, revela os indícios da pobreza da família que não possui mais animais. No quinto verso o poeta escreve: “Dentro dela, uma história singular”, uma história de uma família, que é única e que deve ser contada. História interrompida pela fome, que aparece descrito no verso seguinte: “Onde a fome, a rugir, se acotovela...” Fizemos uma breve análise na construção destes versos, o verbo rugir denota uma ação de soberania, por exemplo, o leão rugiu mostrando sua força e imponência. Aqui a fome ruge imponente e soberana, provocando o martírio do sertanejo. Assim como o verbo rugir, o verbo acotovelar é imprescritível para a compreensão deste verso, ele pode significar, “provocar”, “abrir caminho à força”, “encontrar-se em local muito cheio”, “empurrar”, dar encontros em alguém”. A fome prevaleceu neste ambiente, neste lar, neta família, nesta sociedade. Nos versos seguintes: “E a coruja, a piar, conta por ela”, a coruja animal de hábitos noturnos, símbolo da sabedoria, serve de testemunha e conta “Uma história de horror nunca escutada...” Ela conta uma história de horror, que narra à fome, a miséria, mortes, abandono, violências, exclusão.

Na segunda estrofe do poema destacaremos os versos seguintes: “No recanto, onde um pote respingava” destacamos a presença de um pote, utensílio usado para armazenar água. Um pote que algum dia armazenou água e matou a sede da família. No verso seguinte encontramos; “Mas deixou seu formato onde brilhava...”. O formato, suas marcas, a história e vivências desta família estão marcadas, nesta casa. No quinto verso: “Na cozinha, o lugar que o fogão ‘stava”, o poema apresenta a cozinha, espaço da residência destinado ao

processamento de alimentos, lugar de combate contra a fome e que permite a socialização e convivência.

Nos versos seguintes: “Guarda ainda os pedaços da panela”, “Que uma mãe cozinhava a boia nela” e “Pra tirar da miséria a meninada...” constatamos a dinâmica da família e condição financeira da mesma. Os pedaços da panela ainda presentes destacam que era apenas uma unidade e provavelmente de barro, o que justificaria a presença dos pedaços da panela e o que mostra a situação socioeconômica e escassez de alimentos. Já a definição onde uma mãe cozinhava, revela o lugar da mulher nesta família, a mulher é aquela que está encarregada dos afazeres da casa e ainda destacamos que não é qualquer mulher é uma mãe e esta palavra “mãe”, traz sua carga semântica em plenitude. E que prepara a “boia”, a comida pouco rebuscada que não atende as necessidades básicas e que não representa a cultura, porque sabemos que a comida é um traço importante na cultura, de um povo.

Na terceira estrofe encontramos os versos seguintes: “Esse grito de dor que nela existe”. Grito de dor que não foi ouvido, e o verso seguinte: “Representa as misérias do passado”, o poeta usa o substantivo “misérias” no plural mostrando que são muitas. E o próximo verso mostra o pai e sua árdua missão de cuidar da família. “Onde um pai, a sofrer desesperado”, “Lamentava o rigor da sorte triste”. “Não há dor como a dor de um pai que assiste”. Nestes versos o poeta delimita o papel do pai, o homem é o provedor da família e sofre a dor de não conseguir suprir as necessidades de seus dependentes. E a palavra “pai” é escrita com toda carga semântica. Nos versos seguintes: “O clamor de um caçula que se esgoela” o poeta apresenta os filhos nestes versos, o filho mais novo que chora, e no verso seguinte: “E o mais velho a servir de sentinela,” o autor agora apresenta o filho mais velho, o primogênito.

E com os versos a seguir o poeta continua: “Um e outro sem ter jantado nada...”, os filhos não se alimentaram, não jantaram, a refeição noturna aponta para um dia que não teve alimentos neste lar, não foi apenas a refeição principal, mas não se nomeia qualquer tipo de lanche. O dia acabou e se nem mesmo as crianças se alimentaram, constatamos que os pais, não se alimentaram também.

Nos versos seguintes o poeta constrói sua última estrofe e apresenta um desfecho para a situação desta família, aponta caminhos e denuncia omissões. O primeiro verso: “Todo dia de Sexta da Paixão” período da festividade cristã, que corresponde ao período de tempo onde se prega os valores cristãos e o sacrifício de Jesus, o Cristo, realizando a última ceia e em seguida a paixão. No verso seguinte o autor continua: “O cristão enche o peito de tristeza;” O cristão mostra sua tristeza e o seu coração está triste. Mas o poeta não isenta o

homem de suas responsabilidades nestes versos: “Toda vez que se agride a natureza”, as ações do homem contra a natureza trazem danos, desmatamento, exploração dos recursos naturais, o exercício, prática que pode culminar com o processo de desertificação. E no verso seguinte: “Se recebe da mesma outra agressão;” a natureza na região do sertão já castiga o homem e quando o meio ambiente está agredido ele devolve a agressão.

Nos últimos versos do poeta surge como verificamos: “Toda noite de lua no sertão” e “Um poeta decanta a lua bela;” o poeta aparece como testemunha, o sujeito que decanta a lua bela, mesmo nesta realidade inóspita e canta em uma noite no sertão, não canta o sol, mas a lua. E nos últimos versos do poema observamos a despedida do homem com sua terra. “Todo som de rangido de cancela”, ou seja, toda partida, e conclui o poeta... “Deixa um eco de dor no pó da estrada”. A dor de sair de sua terra, sua moradia, ser obrigado a abandonar sua cultura, sua identidade e sua história. E segue em busca da sua sobrevivência em seu caminho, objetiva uma nova vida nas cidades. Nesta nova sociedade, provavelmente, exercerá atividades que em sua grande maioria, são atividades desvalorizadas e que não proporcionam dignidade de vida.

O poeta continua refletindo sobre a condição do ser humano, desta vez em um espaço urbano. O poeta decanta seus versos onde se fez necessário. Verificamos nestes poemas um denominador comum: o ser humano e a fome. A fome como resultado da escassez de chuvas e falta de condições de produção, mas especificamente causada pela falta de políticas públicas voltadas para acabar com a vulnerabilidade social e garantir os direitos assegurados na Constituição de 1988 do Brasil. A seguir apresentaremos e faremos a análise do próximo poema.

### ***Eu Me Sinto Mais Filho do Sertão***

Vendo o povo feliz e mãos erguidas,  
Dando graças por tanto benefício  
Esquecido, talvez, do sacrifício.  
Que, em verdade, afetou milhões de vidas,  
Eu que vi a feiura das feridas  
Espalhando o terror na região,  
Comungando também desta emoção  
Sertaneja, sincera sem igual.  
Que o artista faz dela um FESTIVAL,  
Eu me sinto mais filho do sertão!

Quando a força do verde do roçado  
Deixa as almas repletas de esperança,

Devolvendo alegria e segurança  
 Ao Nordeste pra sempre ameaçado;  
 Quando o cheiro do milho cozinhando  
 Denuncia a fartura do fogão,  
 E o forró toma conta do salão,  
 E a ruína estremece a redondeza,  
 Sertanejo não sabe o que é tristeza  
 E eu me sinto mais filho do sertão!

Quando a roça se metamorfoseia  
 Através dos milagres da fartura  
 (Milho verde, feijão, fava madura,  
 Melancia que a casa fica cheia...);  
 Quando, em vez de bater na porta alheia,  
 A pobreza divide o próprio pão,  
 Num exemplo feliz de gratidão  
 Que os poetas decantam noite e dia;  
 Quando vida palpita de alegria,  
 Eu me sinto mais filho do sertão.

Quando os dias renascem majestosos,  
 Sem a dor da miséria a perturbá-los,  
 E a mão firme da roça aumentando os calos,  
 Mas não se abre esmolando aos poderosos;  
 Quando Deus, com seus dons maravilhosos,  
 Usa a força da multiplicação;  
 Quando o som cavernoso do trovão  
 Das riquezas do céu faz propaganda;  
 Quando a voz da SANFONA é quem comanda,  
 EU ME SINTO MAIS FILHO DO SERTÃO!  
 (MONTEIRO, 1994, p.23)

O poema é composto por quatro estrofes em versos decassílabos, apresenta a estrutura semelhante ao poema: *Toda Casa de Taipa Abandonada Guarda um Grito de Fome Dentro Dela* que recriam a vivência e a saga do homem do campo. O Nordeste brasileiro foi cantado por grandes artistas a exemplo de Luiz Gonzaga, poeta Patativa do Assaré e Gessier Quirino, poetas populares que com sensibilidade cantaram, poetizaram e decantaram a cultura e vida do sertanejo. Neste poema, verificamos um diálogo com a obra de Luiz Gonzaga, o rei do baião. O autor escreveu estes poemas, fazendo uso dos elementos que compõem a cultura e tradição do sertão. O período é o da colheita, a festa junina e o personagem principal é o sanfoneiro, e o anfitrião é o homem da roça, o agricultor. O título do poema é uma exaltação

ao filho do Sertão, que sente orgulho em pertencer e habitar esta região do Brasil. No poema verificamos uma realidade diferente das descritas no poema anterior, neste poema, o sertanejo não é refém da fome, não é por acaso que o poeta afirma que se sente mais filho do sertão. O homem do campo é o protagonista da sua vida e sua história. Na primeira estrofe observamos os seguintes versos: “Vendo o povo feliz e mãos erguidas,”. O povo está feliz e com suas mãos erguidas dão graças a Deus, constatamos neste verso a presença da religiosidade do povo sertanejo que caracteriza a fé e devoção popular, aliado ao ato de estar com suas mãos estendidas, apontando para a dignidade humana, não estar com as mãos estendidas a mendigar.

No segundo verso constatamos: “Dando graças por tanto benefício”, agradecido o sertanejo festeja e ergue as mãos para demonstrar seu sentimento de gratidão. Mas o poeta faz uma ressalva que talvez, o povo esqueceu-se do sacrifício. O que verificamos no verso a seguir: “Esquecido, talvez, do sacrifício”, e nos versos seguintes, “Que, em verdade, afetou milhões de vidas”, deduzimos que este sacrifício é a fome que vitimou vidas e destruiu famílias inteiras. O sacrifício é o sofrimento causado pela seca. O sacrifício é a exclusão viabilizada pela omissão dos poderes constituídos e das instituições consolidadas. O eu poético, surge nos versos seguintes como testemunha, o que constatamos no verso: “Eu que vi a feiura das feridas”, “Espalhando o terror na região”. As feridas, no plural, o que demonstra que são muitas as chagas sofridas pelo povo e provocando o terror. Terror da fome, da miséria, da violência, da falta de expectativas de vida, a perda da dignidade, a fragilidade da saúde, a destruição da cultura e assujeitamento do ser humano. Continua o poeta seu ver-sejar nos versos seguintes: “Sertaneja, sincera sem igual “e “Comungando também desta emoção”, o poeta vive também esta realidade. “Que o artista faz dela um FESTIVAL,”, nestes versos o artista surge como aquele que faz, um evento com letras maiúsculas, dada a importância do acontecimento. Este, “FESTIVAL”, é uma referência ao evento: VIII FERSAN (Festival de sanfona de Afogados da Ingazeira, mas o FESTIVAL também representa a celebração da vida e a festividade da colheita. E no último verso da primeira estrofe o poeta traduz em verso o seu sentimento. “Eu me sinto mais filho do sertão!”

Na segunda estrofe do poema destacaremos os versos seguintes: “Quando a força do verde do roçado”, quando o plantio está em crescimento, força e vigor do verde, uma realidade possibilitada com um ano com inverno que possibilita o plantio e colheita das lavouras. No verso seguinte: “Deixa as almas repletas de esperança” constatamos a palavra “almas”, com referente a vidas. O povo está com esperança, de uma colheita, um ano sem fome, sem falta d’água, sem humilhações e nem mortes dos rebanhos. O verso seguinte

confirma: “Devolvendo alegria e segurança”. A alegria de um povo que colhe o fruto do seu trabalho e a segurança alimentar. O próximo verso: “Ao Nordeste pra sempre ameaçado”, o autor evidencia que a região Nordeste é para sempre ameaçada, essa ameaça é a presença constante de períodos de secas e a omissão dos governantes e falta de políticas públicas voltadas ao combate aos danos causados pela estiagem prolongada. Nos versos seguintes o poeta decanta a fartura da colheita do sertanejo: “Quando o cheiro do milho cozinhando”; “Denuncia a fartura do fogão”. E nestes versos seguintes, constatamos um diálogo e fusão entre a colheita, a tradição e a cultura. O forró expressão cultural do sertão e a ruína, arma de caráter festivo caracterizada pelo barulho provocado pela explosão de pólvora. Nos versos seguintes: “E o forró toma conta do salão”, “E a ruína estremece a redondeza”. O autor reafirma o estado de espírito do sertanejo nestes versos: “Sertanejo não sabe o que é tristeza”. E termina a estrofe com o mote: “E eu me sinto mais filho do sertão!”.

Já na terceira estrofe do poema, verificamos que o poeta descreve a fartura e diversidade da produção alimentar do cultivo do sertanejo: “Quando a roça se metamorfoseia” e “Através dos milagres da fartura”. Nos versos seguintes são elencados a produção do homem do campo e percebemos que alimentos destinados ao consumo humano: (milho verde, feijão, fava madura, e melancia que a casa fica cheia...). O poeta seguiu seu versejar firme e nestes versos seguintes retrata uma das tristes consequências da seca no sertão, a necessidade de mendigar o pão. Mas nestes versos o poeta reconstrói a dignidade dos homens e mulheres do campo: “quando, em vez de bater na porta alheia” e “a pobreza divide o próprio pão,”. E nos dois últimos versos: “num exemplo feliz de gratidão”, o autor neste verso traz mais uma característica do caráter do homem simples do campo, a gratidão. E neste verso seguinte: “que os poetas decantam noite e dia; ” e “quando vida palpita de alegria”. Os vates reconstroem o cenário e surge como o ser que decanta a natureza e os sentimentos do povo.

Na última estrofe do poema, o autor continua retratando a vida e a rotina do homem do campo. No primeiro verso: “Quando os dias renascem majestosos”, constatamos que os dias são dias de prosperidades, e marcados pela fartura. O que se confirma no segundo verso: “Sem a dor da miséria a perturbá-los”. Mas o autor mostra nos versos seguintes os contrastes entre o homem trabalhador que algumas vezes foi levado a depender das esmolas dos poderosos; “E a mão firme da roça aumentando os calos” e “Mas não se abre esmolando aos poderosos”. E nos últimos versos o poeta evidencia a religiosidade do povo sertanejo: “Quando Deus, com seus dons maravilhosos” e “Usa a força da multiplicação” e nos dois últimos versos: “Quando o som cavernoso do trovão” e “Das riquezas do céu faz propaganda”, um reconhecimento da dependência do homem a riqueza da natureza, mas estes

versos ao mesmo tempo denunciam a omissão de políticas públicas dos poderes constituídos. E no último verso: “Quando a voz da SANFONA é quem comanda, “o autor faz referência à voz da SANFONA”. E para entendermos este verso devemos compreender a época e as vivências em que o poema foi escrito. Nas ricas manifestações culturais do sertão, o sanfoneiro é um símbolo da nossa cultura e assim como o poeta decanta o sertão, o sanfoneiro comanda as festividades sertanejas. E no último verso, encontramos o mote: “Eu me Sinto Mais Filho do Sertão!” uma afirmação da identidade do homem sertanejo. O sertão descrito neste poema é um lugar de tradições, lugar de cheiros, lugar de sons e lugar de vivências. A poesia deve nos fazer chorar, nos indignar, nos levar a refletir sobre nossa condição social e nossas vidas. Dar-nos a oportunidade de nos reconhecer como pertencentes a um grupo social, a uma comunidade e possibilita um novo olhar sobre as velhas realidades, e as novas realidades possíveis.

O poeta Dedé Monteiro decanta o Sertão do Pajeú e constrói um legado aos seus pares. E movido pela determinação e motivação, transformou uma área geográfica com seus limites em poesia, poesia livre. Monteiro expressa à poesia com alma, busca a excelência possível, assimila o mundo social com intensidade, explora a relação entre a cidade, o campo e as pessoas.

### **Considerações finais**

O presente trabalho teve por objetivo realizar breve análise dos poemas *Toda Casa de Taipa Abandonada Guarda um Grito de Fome Dentro Dela* e *Eu me sinto mais filho do sertão* presentes nos livros de Dedé Monteiro. Como base de apoio para essa análise, discorreu-se sobre a vida do autor e sobre as características de sua escrita.

Constatamos através dos poemas apresentados, que o leitor de Dedé se depara constantemente com uma literatura engajada, erudita, mas que retrata bem a realidade de um povo simples e, muitas vezes, esquecido. Trata-se de uma literatura de denúncia, que sai em defesa dos que estão esquecidos por suas condições de vida e por causa do lugar onde nasceram, características que os colocam na parte de baixo da sociedade.

Constata-se nos dois poemas analisados e já mencionados a temática da fome, do sujeito marginalizado e a luta do povo para resistir e viver com dignidade. Espera-se que este trabalho possa contribuir para trabalhos futuros que desejem adentrar ainda mais no conhecimento da literatura popular e que tem raiz na oralidade. Trabalhos esses que podem investigar mais a fundo alguma característica específica da escrita popular, em especial a



escrita do poeta nordestino, bem como a análise de outras questões o que, com certeza, contribuirá com a comunidade acadêmica.

### **Referências**

- CASCUDO, L. D. C. **Literatura oral no Brasil**. 1<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Global, 2012.
- MELO, R. A. D. **Arcanos do verso: trajetórias da Tipografia São Francisco em Juazeiro do Norte**. 2003. 156 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.
- MONTEIRO, D. **Fim de feira**. Recife: Editora Coqueiro, 2006.
- MONTEIRO, D. **Mais um baú de retalhos**. Recife: Editora Universitária UFRPE, 1995.
- MONTEIRO, D. **Meu quarto baú de rimas**. Recife: Edições Bagaço, 2010.
- MONTEIRO, D. **Retalhos do Pajeú**. Recife: Imprensa Universitária UFRPE, 1984.
- MONTENEGRO, M. S. M. **Manuel Monteiro e as várias faces do texto de cordel**. 2014. 174 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.
- SARTRE, J. P. **Que é a Literatura?** Tradução de Carlos Felipe Moisés. 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: Ática, 2004.

## DEDÉ MONTEIRO: 50 YEARS AGO, POETIZING THE HINTERLAND AND ITS PEOPLE

### Abstract

This work aims to perform a brief comparative analysis of the poems: *Toda casa de taipa abandonada guarda um grito de fome dentro dela* (All abandoned mud house keeps a hunger scream inside it) and *Eu me sinto mais filho do sertão* (I feel myself more son of the backwoods) present in the books: *Mais um Baú de Retalhos* (One More Patchwork Chest) e *Fim de Feira* (The end of the Fair) by Dedé Monteiro. It is known that, in the context of Brazilian universities, in the field of historiography and literary criticism, there are researchers developing studies regarding popular poetry. Within this purpose, we aim to perform such approach in the poems written by the poet Dedé Monteiro – Pernambuco state and resident in the city of Tabira. Known the importance and originality of the literary work, it is, therefore, as filling the gap produced in this domain of the studies of popular literature in which the execution of this research is sustained. It is observed in the analysis of the mentioned poems the concern of the poet regarding the negligence of the authorities in the matter of the seasonal droughts and consequently the hunger, finally, it is able to conclude that the poetry of Dedé Monteiro is a poetry of complaint. Besides the matter, it is notable the obedience of the poet to the accuracy of the Portuguese language and of the metric technique.

### Keywords

Popular literature. Analysis of the poem. Dedé Monteiro.